

# **PALHAÇOS & PERSONAGENS DA FOLIA DE REIS DO ESTADO DO RIO \***

Patricia Pereira Peralta

## **ABSTRACT**

This "folguedo", called "Folia de Reis", celebrated in Rio de Janeiro presents through "its ritual form" images and drawings that create a paradox between the sacred and the profane. Watching the images of its costumes. Through a semiologic analyses we're going to be able to understand the players' and clowns' uniforms, its importance to build up the visual context of the group.

## **Introdução**

A proposta deste artigo consistirá na análise visual de um "festejo" tradicional do Estado do Rio de Janeiro. Este festejo constitui-se na Folia de Reis que sai no Estado em questão durante o período de vinte e quatro de dezembro a seis de janeiro. Geralmente peregrinando pela comunidade de onde se originam, os foliões de Reis saem às ruas e entram em casas amigas caracterizados por sua indumentária e seu movimento, elementos de tradição e riqueza imaginária.

A abordagem aqui proposta se apropriará desta riqueza imaginária, promovendo um breve estudo de personagens e tipos que compõem a Folia de Reis, (como são esses personagens e como se comportam). Lançando mão da taxionomia, abordar-se-á, em tópicos, cada um deles, descrevendo sua indumentária e seu papel dentro do festejo.

A análise da imagem de criações populares, como folguedos e seus elementos constitutivos, é um trabalho complexo pela pouca quantidade de material para auxiliar os estudos semiológicos das formas dos espetáculos populares, inviabilizando comparações e analogias.

Patricia Pereira Peralta Mestranda, Escola de Belas Artes - UFRJ.

\* Este trabalho é resultado da monografia "Palhaços e personagens da Folia de Reis carioca", realizada no segundo semestre de 1998 para a disciplina Etnologia Urbana, ministrada pelo professor Rogério Medeiros. Tal disciplina pertence a linha de pesquisa Estudos da Imagem e das Representações Culturais do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Seria extremamente arriscado propor aqui a análise de todos os elementos que compõe o folguedo em questão, que no ato de sua apresentação acaba por constituir-se de um verdadeiro teatro do povo. Seus personagens e o imaginário que os envolve tornam-se suficientes para compreender toda a resultante visual do brinquedo porque, como nos relata Peter Burke: "*No teatro popular, as unidades básicas não eram as palavras, mas os personagens e ações*"<sup>1</sup>.

Aproveitando a possibilidade de participação da autora deste artigo como espectadora das festas do arremate de duas Folias, o que proporcionou contato mais íntimo com as proporções causadas pelo efeito visual de ambas, pode-se ainda constatar outro elemento que compõe o espaço visível do folguedo. Este traduz-se na dinâmica das formas, que na fotografia dessas é completamente suprimida, mas quando associada ao personagem, permite compreender melhor os elementos constitutivos de roupas e adereços que aqui serão analisados. Afinal esses elementos, além de comporem o personagem-tipo, ajudam a compor o movimento que o caracteriza.

Procurou-se sempre a associação de personagens, roupas e movimento para a análise do imaginário da Folia de Reis (nem sempre este texto, por ser um elemento verbal, conseguirá suprir com eficiência). As fotos apresentadas vão sempre perder o elemento dinâmico que constitui a imagem e a esta acaba tornando-se indissociável. Mesmo com essas dificuldades, procurar-se-á descrever o encantamento mágico proporcionado por tais imagens.

### Um breve histórico ...

A Folia de Reis, comemorada no período denominado "Doze Noites", é um folguedo com características básicas como pedincha, o movimento peregrinatório e a tradição religiosa. Traçar origens precisas para a brincadeira é quase impossível. O primeiro registro de uma Folia de Reis no Brasil provém do padre Manoel Nóbrega que menciona "*uma dança de folia, em 1549, em uma procissão de Corpus Christi*"<sup>2</sup>. Ao que parece, esta começou suas peregrinações no Estado do Rio de Janeiro em fins do século XVIII. Só que o folclore é um movimento vivo e, como tal, não nos permite acreditar que, em fins do século XVIII, a Folia era exatamente o que vemos hoje. *O antiquíssimo hábito europeu de festejar o dia de Reis chegou ao Brasil e aqui permaneceu, associado a várias tradições paralelas e semelhantes, de cada um aguardando alguma coisa (Romero – 1954, citado por Augusta (1979, p. 13))*<sup>3</sup>.

1. BURKE, Peter. (1989 : 159) *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo : Companhia das Letras.

2. FONTOURA, Sônia Maria, et. al. (1997) *Em nome dos Santos Reis*. Um estudo sobre as folias de reis de Uberaba. Uberaba, MG : Arquivo Público de Uberaba.

3. AUGUSTA, Anna. (1983 : 13) *Cantigas de Reis e outros cantares*. Rio de Janeiro : INELIVRO.

Todos os movimentos de louvor aos Reis Magos estão ligados diretamente as comemorações do nascimento do Menino Jesus. Por volta do século XIII, São Francisco de Assis deu início as comemorações da natividade de Jesus, armando o primeiro presépio na Europa. Esse costume estendeu-se por todo Velho Mundo e depois nos novos continentes de colonização europeia, através de séculos, resultando nas mais diversas formas de comemoração ao redor do cenário que revivia o nascimento do Salvador. A Folia torna-se o exemplo mais presente na atualidade desses divertimentos, já que todos os cantos e louvações dos foliões são feitos diante dos presépios montados nas casas visitadas por eles.

Em plena época medieval, ainda sem a influência da temática religiosa dos Reis, já encontramos em Portugal a palavra folia que caracteriza um bando de rapazes que saem a cantarolar pelas ruas, como nos relata Rossini Tavares: "*uma dança barulhenta com acompanhamento de pandeiros*" ou mesmo "*uma dança de carnaval (...) relacionada aos ritos de fecundidade*"<sup>4</sup>; de caráter profano esta folia portuguesa não parece ter originado a nossa.

Para vários historiadores e folcloristas, a Folia, assim como o Bumba-meu-boi, os Reisados e outros autos da época natalina se originaram das Janeiras, Reiseros e Reisadas portuguesas que eram grupos peregrinatórios que saíam durante as doze noites do período de comemorações natalinas. Das tradições portuguesas, muitos consideram que o formato atual da Folia se assemelha a "dança dos rapazes", "*esta realizada por grupo de Reiseiros, que cantam os Reis de porta em porta*"<sup>5</sup>, ainda em Portugal. Estes rapazes saem mascarados às ruas, o que nos lembra a forma de nossos palhaços, no mesmo processo de pedincha e peregrinações. São acompanhados por outras pessoas em trajés comuns, estas vão tocando instrumentos e provocando grande algazarra por onde passam.

Analogias ou dissemelhanças, não podemos negar que o cortejo folião tem suas origens mais presas ao colonizador português que, aqui chegando, trouxe consigo suas tradições. Tradições que os ajudaram a suportar as saudades do seu Portugal<sup>6</sup>.

Só que, aqui chegadas, estas tradições portuguesas, foram assimiladas por negros e índios – "*características de ritual religioso usado juntamente com a música, como meio de catequese*"<sup>7</sup> – que, junto aos portugueses, povoaram e ajudaram na colonização da terra Brasil. E assim como foram assimiladas as brincadeiras europeias, foram assimilados elementos da cultura indígena e principalmente da cultura negra, já que todo fato folclórico encontra-se em intensa atividade

4. LIMA, Rossini Tavares de. (1962 : 101) *Folguedos populares do Brasil*. São Paulo : Ricordi.

5. id. ib., p. 101.

6. BASTIDE, Roger. (1959) *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo : Anhambi.

7. FONTOURA, Sônia Maria, et. al. op. cit.

associativa. Portanto, em mais de dois séculos, presa ainda ao seu corpo originário da cultura portuguesa, a Folia foi se modificando ao gosto do negro escravo, que se aproveitou de quase todos os brinquedos portugueses acrescentando a estes o gosto pela dança – marca característica na apresentação dos palhaços –, e o gosto pela música de percussão, que marca a batida do grupo folião, permitindo que o encontro hoje, com a Folia seja um encontro com a mistura que Roberto DaMatta tão bem relata em seu livro “O que faz o Brasil, Brasil” (1994). Um encontro com o mestiço e não mais com o branco colonizador ou com o negro escravo.

### **A Folia hoje.**

Esse breve histórico introduz-nos no espírito da Folia de Reis carioca, a qual a pesquisadora pôde assistir a festa do arremate. O cortejo que percorre as casas de sua região mantém seu percurso tradicional, onde o grupo folião pára em frente às casas cantando seu pedido de abrir portas e, quando abertas, são agraciadas com louvações pelo grupo de foliões esperançosos por mesa farta. Caso se cumpra esse ritual, após a ceia, agradecidos, os foliões cantam louvores aos donos da casa e cantorias de despedida retirando-se, em seguida, do ambiente para continuar sua peregrinação até o próximo ponto de cantorias.

O cortejo de foliões é identificado, ao longe, por sua banda que toca toadas e por seu visual diferenciado, destacando-os dos moradores da comunidade. E esse visual, além da música, inicia-nos a um tempo mágico de atemporalidade, onde ficamos embevecidos pelas formas que a imagem do cortejo de Reis proporciona, ao longo das noites pelas madrugadas com seus palhaços a bailar e caçoar da garotada.

Os Reis seguem até o dia vinte de janeiro no Estado do Rio de Janeiro, data esta em que se comemora o dia do padroeiro da cidade, São Sebastião. De seis a vinte de janeiro, é ao santo da cidade que se dirigem as louvações dos foliões – na roça este período de peregrinar ainda é conhecido como charola de São Sebastião –. Após esse período, cada Folia reúne seus membros mais uma vez na casa do mestre folião, que é o organizador e gerenciador do grupo. Esse dia sem data fixa, encerra o período de louvações e a função dos foliões os quais, após esta reunião, não saem mais até o próximo Natal. A festa que é dada pelo mestre folião, neste dia, denomina-se festa do arremate, onde o peregrinar a esmo é compensado por ceia farta, por toda a noite, para os membros da Folia e seus convidados.

A autora, que pôde participar de duas destas festas – a do Reizado Flor do Oriente do Sr. Sebastião Vicente de Moraes residente na Vila Rosário, Município de Duque de Caxias e a Folia da Dona Mariana de Mesquita (RJ) – sentiu-se imersa em um outro espaço, fora do cotidiano de imagens urbanas e leituras rápidas. O tempo da Folia é todo cíclico, repetidas vezes a mesa da ceia era posta e repetidas vezes foliões se alimentaram. Todo um cenário foi preparado na casa dos mestres foliões. As paredes e janelas recobertas com colchas e lençóis de diversas estampas, que criavam um fundo onde um alto tablado longo servia de altar. No centro do altar dominava um pequeno crucifixo de um lado uma taça de água; do outro uma taça de vinho. Esse tablado também servia de amparo à bandeira da casa e as bandeiras das Folias convidadas a participar da festa. A mesa, transversal ao altar, era longa como a do quadro da Santa Ceia de Da Vinci, imagem consagrada da ceia de Cristo, que a reprodução em massa difundiu entre todos, sem diferenças de classe ou cultura. Mesmo desconhecendo a obra, em questão, do pintor italiano do século XV, é sua mesa pictórica que impregna o imaginário do povo, que, ao dispor sua mesa farta, símbolo da ceia de Cristo, alimenta seus foliões ao som das ladainhas e toadas de outras Folias que chegam ao ambiente.

É mágico todo o espaço cênico que perpassa aos olhos dos estrangeiros, acostumados a outras leituras visuais, a outros sons. Assim como parece mágica a tradição que mantém aqueles grupos de homens, mulheres e adolescentes repetindo uma tradição, num subúrbio carioca, sem que possamos encontrar símbolos da indústria cultural no ambiente.

A Folia tem raízes religiosas, respira e expira esta fé, mantendo-se fiel a sua imagem (roupas, adereços e cenários), aos seus sons (parcos instrumentos e apitos), e aquela ladainha, sempre encerrada em um agudo profundo que, estranhamente, não desagrade.

### **Personagens: foliões.**

Participar da festa do arremate da Folia Reizado Flor do Oriente e a Folia da Dona Mariana foi uma das mais gratificantes investidas dentro de campo de estudos da Folia de Reis. Lá, no meio de foliões, o que enriquecia com novas informações o meu universo era o ato de ver que, para Arnheim, é simplesmente a “*percepção da ação*”<sup>8</sup>. As imagens que desenhavam-se na mente da autora, quando esta se apropriava da leitura de ensaios e artigos sobre a Folia, tornavam-se reais, visíveis, táteis, audíveis, gustativas e olfativas, numa *mise-en-scène* dos sentidos, o universo das imagens populares se concretizando nas imagens do povo.

8. ARNHEIM, Rudolf. (1986 : 9) *Arte e percepção visual*. Uma psicologia da visão criadora. São Paulo : Pioneira.

Neste contato real, a confrontação dos textos lidos com o universo visível veio reforçar o que a leitura de textos havia criado dentro da imaginação projetiva. Todo grupo de foliões com sua hierarquia já levantada em estudos bibliográficos feitos anteriormente, concretizou-se. Todas as formas que constituíam as diferenciações visuais puderam ser comprovadas.

Na entrada do ambiente, previamente ornamentado, via-se, em primeiro plano, a banda, ao fundo o mestre e contramestre e, atrás destes, a bandeira, símbolo e ícone da tradição religiosa da Folia de Reis.

*“Toda folia tem a sua bandeira, o estandarte que a identifica, simbolizando, ao mesmo tempo, a jornada dos Magos à Belém e a intenção com que os foliões se dispõem a peregrinação. Por estes motivos, a bandeira representa a folia”<sup>9</sup>*

É esta que, sempre a frente da jornada ladeada pelo mestre e contramestre, sendo carregada pelo alferes, porta, numa imensa mistura de pinturas, fitas, flores entre outros elementos, a homenagem visual aos Reis Magos. Geralmente seu formato remete mais a um andor do que a uma bandeira, mesmo esta sendo carregada verticalmente. Isto porque nela vêem-se as cenas da vida de Cristo, a visitação dos três Reis Magos ou mesmo o martírio de São Sebastião. O cuidado e o preciosismo com a ornamentação da bandeira demonstra não só a devoção dos fiéis como o gosto da mistura de materiais, que em nenhum momento criam uma leitura visual pobre ou confusa. Pelo contrário, é neste êxtase de diferentes objetos que percebemos o bom gosto desses homens e mulheres devotos dos Reis.

A bandeira fecha-se geralmente na imagem retangular. Como uma tela preparada para a pintura, recebe estampa simples mais ao gosto do povo, onde imperam contrastes de cor e quase nenhum efeito de profundidade. As figuras são contornadas com cor escura para destacarem-se mais nitidamente do fundo. Por vezes, entram elementos tridimensionais, pequenas esculturas de formas rústicas, formando verdadeiros presépios. Todas as figurações que aparecem, sejam pintadas ou esculpidas, remetem-nos a imagens da arte medieval, principalmente do estilo românico.

## II. 1. Bandeira da Folia de Reis



Outro fator interessante das bandeiras é sua ornamentação. Muitas flores e/ou fitas caem ou contornam o perímetro do retângulo. As fitas criam um verdadeiro pano de boca, encobrindo a imagem representada. Segundo um folião, tomar e levar consigo uma ou algumas fitas da bandeira dos Santos Reis é garantir sorte e benção destes. Além disso, cada fita tem sua simbologia, segundo a sua cor: as amarelas, representam o ouro trazido pelo Rei Belchior para o Cristo; as de cor verde, são a mirra trazida pelo Rei Gaspar, as de cor vermelha são associadas ao incenso trazido pelo Rei Baltazar, as azuis representam a pureza de Maria, as fitas brancas simbolizam o Divino Espírito Santo em sua pureza e as rosadas são representantes de São José. As flores são artificiais e, como as fitas, embelezam pelo colorido. A bandeira é um elemento quase estático, sendo carregada, com cuidado, a passo de marcha do cortejo, o que lhe garante um dinamismo quase nulo, portanto, o seu encanto é provocado pelo efeito visual resultante da mistura dos materiais em seu adereçamento. Algumas Folias que têm um gingado mais dinâmico, requebrando o tronco de um lado para o outro, oferecem maior dinamismo a bandeira, que acompanha o bailado do corpo dos foliões.

“Usa-se a bandeira como elemento de cortesia, quando em visita as casas amigas; como fator de disciplina, durante as longas caminhadas da jornada; como afugentadora de influências diabólicas ... ; e, finalmente, como receptáculo de espórtulas ... . Em qualquer ponto da Bandeira os amigos da folia, tanto os velhos como os eventuais, dependuram notas de papel, pregando-as com alfinetes, como ajuda para os gastos da jornada. Antes de sair a rua, iniciando a jornada, os foliões rezam ladainhas diante da bandeira e às vezes levam-na a benzer a uma igreja”<sup>10</sup>

10. id., ib. p. 22 – 23.



Da bandeira aos foliões, com exceção dos palhaços, a indumentária é a mesma com algumas diferenciações visuais denotando certa hierarquia no corpo do cortejo. As roupas, um dos elementos de análise deste trabalho, tornam-se símbolos de exuberância dentro do visual de folgedos folclóricos que, por seu caráter itinerante, não permitem ambientação, *"são acessórios que substituem o cenário"*<sup>11</sup>, acabando por ser o elemento mais importante na realização do imaginário. *"O traje regional é simultaneamente um objeto e um signo, ou mais exatamente, portador de uma estrutura de signos"*<sup>12</sup>

Essas roupas homogeneizam as Foliás com pequenas variações, como já explanado. O que vemos é um uniforme militar que caracteriza a banda, o mestre, o contramestre e o alferes. O motivo do uniforme pertence a temática da Folia, onde os foliões representam os soldados dos Reis Magos que protegem o Menino Jesus das investidas dos soldados de Herodes, representados pelos palhaços.

## II. 2. Mestre Folião e Bandeira



11. GUINSBURG, J., et. al. (1972) *Semiologia do teatro*. São Paulo : Perspectiva.

12. id. ib. p. 71.



A frente destes “soldados” a comandá-los temos o mestre da Folia, figura de relevada importância não só durante os cortejos como na vida social do grupo. O mestre veste a mesma roupa exibida pela banda, constituída de camisa, calça e quepe, mas recebe uma faixa condecorativa em seu peito formando uma diagonal ao estilo de grandes autoridades. Seu quepe e camisa recebem algumas fitas e flores, dando mais pompa a sua figura. O mestre é também o responsável pela criação dos versos das louvações, tendo de ser, portanto, bom conhecedor do Velho e Novo Testamentos; os outros foliões apenas acompanham o seu canto, repetindo suas últimas estrofes. Inseparável de sua viola, é ele o representante do Cristo na terra, como contou-me o mestre folião Sebastião Vicente de Moraes da Folia de Reis Reizado Flor do Oriente.

A seguir o texto de Zaíde de Castro Maciel e Aracy do Prado Couto realizadoras do mais belo trabalho sobre Folia de Reis do Estado do Rio de Janeiro encontrado pela autora desse artigo e, logo após um pedaço da entrevista realizada com o mestre do Reizado Flor do Oriente Sr. Sebastião Vicente de Moraes sobre a função de mestre folião.

“O chefe da folia é o mestre.

Tendo-a organizado a fim de cumprir a promessa que fez, sobre os seus ombros recaem todas as possibilidades da jornada. Os instrumentos lhe pertencem; a vestimenta dos foliões foi comprada com o seu dinheiro; a bandeira foi confeccionada de acordo com suas instruções; os cânticos são de sua autoria; o roteiro a percorrer pela folia, com as alterações que as circunstâncias imponham, depende dele; cabe-lhe dirigir a orquestra e manter a disciplina; guarda o dinheiro angariado; prepara a festa do remate... Estão sempre com a última palavra em qualquer problema, interno ou externo da folia”<sup>13</sup>.

E na visão do nosso mestre folião:

A maior parte dos mestres, 90% são gente que tem que ser educada, não é que ele é educado, ele tem que ser educado para poder conduzir. É um grupo de gente que o acompanha, se ele não for educado, quem vai seguir essa pessoa? É o mestre em si, é como se ele se representasse sendo Jesus Cristo, que foi um mestre, porque ele reza. O mestre é porque está conduzindo um grupo. Sabe? Ele é um mestre, porque além dos discípulos, ele tem muita gente. Mestre folião é porque ele comanda aquele grupo, então ele é um mestre. Agora ele reza, ele mostra o que está escrito e as pessoas têm que ficar satisfeitas, porque ele está mostrando corretamente o que tem que ser mostrado. Vai lá e mostra uma coisa que não está dentro, de jeito nenhum! Não é preciso fazer muito. É abrir o coração para Deus e tentar ver o que a bíblia pede para ser anunciado, para que Deus fique satisfeito.

É importante ressaltar que dos vários mestres que conheci, nenhum relatou-me sair por promessa, como relatado no depoimento de Aracy e Zaíde, acima transcrito. Os mestres das Foliás mantêm a tradição passada por parentes já falecidos, ou colocam a Folia na rua por um simples gostar misturado com um sentimento de fé nos Santos Reis. Isso não impossibilita que a formação de novos grupos foliões se dê por promessa feita por um de seus integrantes.

13. CASTRO, Zaíde Maciel de, COUTO, Aracy do Prado. op. cit. p. 21.

Abaixo do mestre encontramos o contramestre, com seu violão e que possui a mesma descrição de vestimenta do personagem anterior, com um pouco menos de adereços. Sua figura, junto a do mestre, apenas reforça as divisões hierárquicas dentro da Folia, o que caracteriza mais a postura militar desta. Em possíveis ausências do mestre, é o contramestre que o substitui nos cantos e no comando do grupo. Geralmente quem ocupa esta posição é um parente ou amigo muito próximo do mestre folião.

### II. 3. Alferes e Bandeira

Outra figura de imensa importância para a Folia é o alferes da bandeira. Com a responsabilidade de levar consigo o símbolo máximo do cortejo, veste-se à maneira dos outros, recebendo maior número de adereços em sua farda. *“O alferes tem por atribuição, não somente carregar a bandeira, mas também guardá-la e defendê-la”*<sup>14</sup>. A figura do alferes carregando a bandeira cria uma imagem única aos olhos. Em vez de visualisarmos um homem ou uma mulher carregando um adereço, temos a impressão que é tudo uma coisa só, como um altar móvel ou algo parecido. Parecem não se dissociar mais um do outro. Talvez pelo rico trabalho de adereçamento que promove grande diversidade a essas formas de criação popular, a leitura visual feita é de um “homem-andor” ao estilo dos “homens-palcos” que se exibiam na Europa em séculos passados.

Em algumas Folias, encontramos outros personagens, como pastores e pastoras e até os três Reis Magos ricamente trajados com tecidos dourados. Em suas cabeças, levam pequenas coroas como símbolo de sua realeza. Não são todas as Folias que possuem estes e outros personagens que, apesar de enriquecerem o visual, encarecem o custo da montagem da Folia. A Folia de Xerém do Município de Duque de Caxias, pertencente ao seu Mário ainda mantém os três Reis Magos, papéis encenados por crianças entre seis e dez anos.

## II. 4. Mestre Folião e Palhaço



A banda completa o cortejo e veste a mesma farda já descrita, diferenciando seus integrantes apenas pelos instrumentos que tocam.

*“Os instrumentos mais comuns da folia são a viola e o cavaquinho, a sanfona, a caixa de guerra, o triângulo (triango), o pandeiro e o bumbo. A sanfona, essencial na folia, muitas vezes encontra substituto na harmônica. Além destes instrumentos pudemos encontrar, em várias folias, o chocalho, o violão e o tarol, sendo mais raros o banjo, a cabaça, o reco-reco e a caixa-ré. ... A sanfona parece ocupar o primeiro lugar na hierarquia dos instrumentos”<sup>15</sup>, sendo inclusive solicitada freqüentemente pelos palhaços durante suas chulas.*

Como não existe grande variedade no trajar dos foliões de Reis, podemos fazer uma única análise de suas roupas, que, portanto, englobará a todos.

A indumentária dos foliões é composta da farda, constituída de uma camisa de manga, calça e quepe, feitas com tecido vulgar. Fardas são elementos de ordem encontrados em ambientes militares. Observando o desenho que a roupa faz no espaço, percebe-se a dominância de linhas horizontais e verticais como únicos elementos direcionais. Assim, temos a dominar o corpo um invólucro totalmente geométrico, formando uma imagem dura e contida. O corte reto cria um personagem geométrico que pertence e mantém uma ordenação. Quanto às cores, como em todo o uniforme, mantém certa homogeneidade de pouca criatividade. Todos se vestem ou de branco, ou misturam este com outra cor criando um efeito binário, porém seco. Algumas Folias encontradas usam outras cores no seu fardamento, porém sempre mantendo o efeito binário. As cores usadas são as cores da bandeira da Folia, portanto, as cores representantes da jornada. Apenas o quepe, coroamento da ordem, recebe aderência de flores ou fitas criando certa contradição, pois o elemento ordenador, nesse caso, é o que quebra a ordem.

15. id., ib. p. 25 – 26.

## II. 5. Foliões de Reis



A análise da imagem criada pela roupa dos foliões, acima feita, considerou o personagem parado. Mas é claro que, no corpo, esta roupa ganha movimento. Porém, os foliões fardados possuem pouco movimento ou encontram-se parados nas louvações ou em ritmo de marcha militar pelas ruas (o que fortalece mais a leitura rígida que a banda e o cortejo de Reis criam em sinal de reverência aos três Reis Magos e ao Menino Deus).

### Palhaços do povo

Dos andarilhos menestréis, jograis e bufões, a forma consagrada do cômico da *Commedia dell'arte*, associado ao arlequim, criado bobo de traquinagens diabólicas, nasce o palhaço da Folia. Mas não o palhaço de circo, estilo lúdico de divertir adultos e crianças sem o toque maléfico, e sim um tipo de arlequim em que a imagem do mal é expressa por sua máscara negra, por vezes cheias de pêlos e com expressão diabólica. Mas ao mesmo tempo um arlequim que se rende aos encantos das moças bonitas, suas colombinas, e torna-se tolo apaixonado.

“O drama religioso também incorpora a máscara, nas muitas figuras representativas do demônio. Mas a força dos tipos populares foi sempre mais forte e eles ressurgem nos personagens do teatro profissional da *commedia dell'arte*, sob outros nomes ainda que conservando muito de suas características”<sup>16</sup>

86

*O arlequim, com sua roupa de losangos, tornou-se apenas uma das vertentes da imagem do mal abobalhado gerada pelo povo. Suas raízes pertencem a um*

16. AMARAL, Ana Maria. (1996 : 49) *Teatro de formas animadas*. São Paulo : Edusp.

*tempo anterior, tempo onde os homens assombrados por espíritos terríveis fugiam desse horror debochando dele, satirizando-o. Manteve-se a face do horror diabólico, compensado pela indumentária de ricas cores e diversos materiais, transformando a imagem da monstruosidade em formas ridículas. "As máscaras perderam a sua razão de ser no teatro mas continuaram na rua, nas brincadeiras do povo. Surgem associadas as festas profanas decorrente de tradições religiosas"<sup>17</sup> É na Idade Média que se criam essas formas debochadas do mal que encontramos na obra de Rabelais<sup>18</sup>, e que povoam o folclore de vários povos europeus, inclusive de nossos portugueses, homens de espírito e fé, devotos do catolicismo que impregnou o ar medieval europeu com seus diabinhos.*

"... as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição. Era o caso, por exemplo, das 'festas do templo', habitualmente acompanhadas de feiras com seu rico cortejo de festejos públicos (durante os quais se exibiam gigantes, anões, monstros, e animais 'sábios')"<sup>19</sup>

*A carnavalização do mundo, segundo Bakhtin, vira este de cabeça para baixo e as formas do grotesco invadem a praça junto aos delírios de carnaval.*

"... às formas artísticas e animadas por imagens, ou seja as formas do espetáculo teatral. E é verdade que as formas do espetáculo teatral da Idade Média se aproximavam na essência dos carnavais populares, dos quais constituíam até certo ponto uma parte"<sup>20</sup>. (...)

"Na atmosfera do carnaval e da festa popular, que presidiu a elaboração das imagens rabelesianas, as expressões religiosas eram as faíscas lançadas em todas as direções pelo incêndio gigantesco que renovava o mundo (...). É preciso esclarecer que a forma da injúria alegre, das imprecções e blasfêmias alegres dirigidas às forças cósmicas, que primitivamente eram relacionadas ao culto, desempenhou mais tarde um papel essencial no sistema das imagens que servem para exprimir o combate contra o temor, cósmico ou outro, diante das coisas elevadas (...). As formas do cômico popular da praça pública constituíam também uma das fontes importantes da imagem grotesca do corpo (...) todos esses acrobatas, funâmbulos e triagueiros, etc. eram atletas, prestidigitadores, bufões, apresentadores de macacos (réplicas grotescas do homem)."<sup>21</sup>

"A interpretação da imagem grotesca, compreendida como puramente satírica, ou seja, é muito difundida."<sup>22</sup>

*"Segundo Schneegans, nas artes plásticas o grotesco é principalmente uma caricatura, mas levado até o extremo da fantástico"<sup>23</sup>. Assim, podemos compreender melhor quando apreciamos a obra do pintor do século XVI, Bosh; em suas imagens, corpos humanos com cabeças animais, a figura dúbia que toma para si o incompreensível terror humano diante do fim da cultura medieval e nascimento da clássica.*

17. id., ib. p. 49.

18. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (1972) *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rabelais*. São Paulo : HUCITEC.

19. id. ib. p. 4.

20. id., ib. p. 267.

21. id., ib. p. 309.

22. id., ib. p. 268.

23. id., ib. p. 267.

## II.6. Palhaço e Cortejo Folião.

*Das terríveis imagens que povoaram estes homens aos nossos palhaços da Folia de Reis parece que muito pouco modificou-se. No próprio Portugal, onde estão as raízes de nossa Folia, encontramos a "dança dos rapazes", já descrita anteriormente, onde deparamo-nos com os "caretos" que Jorge Dias, citado por Rossini Tavares, assim relata: "vestem-se de maneira bizarra e põem umas máscaras de folheta pintadas, com bigodes e sobancelhas de pêlos"<sup>24</sup>. A figura maléfica que se alia ao povo, despertando seu riso, é encontrado em outras partes da Europa, como a Suíça onde, com "máscaras fantásticas, como faziam seus antepassados na Idade Média eles saem dançando pelas ruas e aldeias entrando nas casas para comer e beber"<sup>25</sup>. Suas semelhanças com os palhaços das nossas Foliás de Reis não são mera coincidência, mas sim a existência do mesmo tronco imaginário que foi o desabrochar da cultura em plena Idade Média.*

Mas quem são nossos palhaços?

## II. 7. Palhaços da Folia de Vassouras

*Da designação palhaço como um bobo de circo tem só o nome. São exímios bailarinos por baixo de suas terríveis máscaras que os aproximam muito mais das formas grotescas da Idade Média. Os palhaços de Reis são o ponto alto da Folia, sua imagem é enriquecida pelo seu bailar ("o movimento é a atração mais intensa da atenção"<sup>26</sup>) o que inviabiliza leituras uniformes. É o seu dinamismo enriquecido pela máscara e pela indumentária que marcam esses personagens "o que conta para a atuação artística é a dinâmica comunicada aos espectadores visualmente; pois a dinâmica em si é responsável pela expressividade e significação"<sup>27</sup>.*

Essas figuras de intensa dinâmica têm espaço delimitado para a apresentação na Folia. Relegados ao último momento, ganham em expectativa e mistério. Para a tradição da bandeira e demais foliões, significam os soldados de Herodes que seguiam os Reis Magos na tentativa de descobrir o Menino Jesus. Portanto, como perseguidores infiéis, seguem atrás da bandeira e dos foliões, sem nunca poder ultrapassá-los. Por ambicionarem matar Jesus em nome de seu rei, são considerados por todos como tendo parte com o diabo, mas por trás de suas

24. LIMA, Rossini Tavares de. (1962 : 101) *Folguedos populares do Brasil*. São Paulo : Ricordi.

25. MADERSBACHER, Fr. A festa das máscaras nos Alpes Suíços. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro, n. 69, p. 83 – 95, ago. 1980.

26. ARNHEIM, Rudolf. op. cit. p. 365.

27. id., ib. p. 399.

máscaras, geralmente, encontramos um homem simplório, que acaba agradando muito a aqueles que assistem suas chulas.

Um palhaço da Folia de São Gonçalo com o qual a pesquisadora pôde conversar, revelou que nem sempre são estes homens tão ingênuos. Dizia ele que ao final da apresentação de sua Folia iria a um local – que não quis revelar qual era – para deixar sua farda e máscara, falando que estas não lhe pertenciam. Outro palhaço, da Folia de Rui Rei de Vila Valqueire, é apontado por seus companheiros de jornada como terrível – as Foliás que ele não queria que saíssem, (por desentendimentos pessoais) bastava ele dizer que não sairiam, que não havia meio da jornada sair. Pelo relato dos demais foliões, o palhaço em questão, era pai de santo até bem pouco tempo atrás.

*Nas apresentações da Folia quando esta entra em casas amigas para louvar aos Reis com sua bandeira, os palhaços sempre ficam no exterior do ambiente, só podendo entrar caso tirem suas máscaras. Portanto, é no exterior do ambiente, após as ordens do mestre, que todos os foliões se calam e a atenção recai nas chulas dos palhaços. São seus momentos de glória. Estimulados por uma platéia ansiosa, começam seu bailado desconexo “que é antes um padrão de forças visuais cujo o impacto sente-se imediatamente”<sup>28</sup> e que, interrompidas vezes, dão lugar as chulas, versos improvisados pelos palhaços. Quando encerram sua apresentação recolhem as moedas jogadas ao chão pelos espectadores. São verdadeiros artistas do povo, consagrados por este.*

“com muita originalidade (eles) confeccionam suas roupas e máscaras. ...Para a confecção das máscaras usam latas, peles de animais ou pano, ornamentados com dentes, bigode, narizes, orelhas, chifres e guizos de forma a provocar a hilaridade em quem os vê”<sup>29</sup>

“como representam um espírito do mal, os palhaços têm, intencionalmente, aspecto apavorante. Usando o couro inteiro ou parte dele, recortam buracos para os olhos e a boca e colocam chifres de boi a guisa de enfeite.”<sup>30</sup>

*Suas roupas constituem-se de um “macacão em cores vivas ou tiras de pano ou papel celofane de diversas cores”<sup>31</sup>.*

Analisando em separado a figura do palhaço no espaço, momentaneamente dissociando-o do movimento, podemos conferir a sua imagem novas abordagens. A riqueza visual que ganha em movimento é ampliada por tecidos em tiras ou em cortes pontiagudos, criando uma grande profusão de formas; formas essas que, percebidas em inércia, criam uma figura nem homem nem animal – que parece ser reforçada pela máscara por vezes feita de couro de qualquer

28. id., ib. p. 400.

29. NORONHA, Regina. O Natal no folclore brasileiro. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro :n. 109. P. 17 – 25, dez. 1983.

30. FRADE, Cásia. (1985 : 161) *Guia do folclore fluminense*. Rio de Janeiro : Presença, 1985.

31. id., ib. p. 161.



bicho. A figura do animal, desprovida da graça divina, dada apenas ao homem (afinal Deus fez o homem a sua imagem e semelhança) relaciona mais o palhaço com suas raízes más. Sua roupa, assim como sua máscara, reforçam essa leitura através de um excesso de panejamento que suprime a figura humana em prol do personagem. Altera-se a silhueta da figura fundo, não é mais o homem, mas outra coisa disforme e imprecisa. Enquanto as formas de todos os outros foliões tendem a linhas retas, horizontais ou verticais, a figura do palhaço é toda formada por linhas curvas, imprecisas e interrompidas, que permitem uma leitura visual dinâmica. As cores também realçam a figura. Se relatamos que o cortejo possui, no máximo duas cores que buscam certa suavidade e harmonia, os palhaços apropriam-se de cores primárias e contrastantes onde uma predomina e/ou abusam tanto das misturas que criam algo difícil de identificar a certa distância.

## II. 8. A Chula do Palhaço.

*O equilíbrio da Folia entre o sóbrio e o exuberante se dá na relação do sagrado – constituído pela banda, alferes, mestre e contramestre – e o profano, que são os palhaços, onde “uma boa parte do interesse da cerimônia está ligada aos pormenores do vestuário, sem os quais a festa perderia todo o seu caráter oscilante entre o sagrado e o pagão”<sup>32</sup>. Imagens que se completam e se comunicam por seus antagonismos. A leitura visual de foliões e palhaços permite, neste trabalho, compreender como imagem desses personagens reforça o caráter religioso e secular que impera em tantos fatos folclóricos.*

Os palhaços, vistos pela pesquisadora na festa do arremate da Folia Reizado Flor do Oriente do Município de Duque de Caxias e da Folia da Dona Mariana de Mesquita (RJ), além de causarem frenesi e expectativa em torno de sua apresentação, são realmente (por todos os pontos acima) o êxtase visual das Foliás de Reis. Causam impacto primeiro por sua indumentária rica que destaca-se dos demais foliões pela diferença. Depois, por seus movimentos, únicos dentro do ritual da Folia. São dois pesos e duas medidas. A homogeneidade das fardas dos foliões rasgadas, descaradamente, pela diversificada indumentária dos palhaços; a inércia dos outros componentes ao movimento exacerbado desses.

Por tudo isso são eles, geralmente em número de dois ou três em cada Folia, que enriquecem, juntamente à bandeira, o imaginário e a criatividade do povo.

## Conclusão

Para abordar a imagem de um movimento folclórico como a Folia de Reis, procurou, este artigo, prender-se ao efeito visual provocado por suas roupas e adereços, além de uma breve abordagem do gestual dos foliões dentro do cortejo, utilizando-se, além da observação participativa da autora, material bibliográfico e depoimentos colhidos na convivência com os participantes da Folia. A abordagem taxiomática dos personagens possibilitou, através do seu destaque, uma melhor compreensão dos elementos que criam o efeito visual final de cada personagem.

Essa análise visual revelou-se de rara beleza durante a sua abordagem, provando que a falta de recursos não corre paralela a falta de criatividade. A possibilidade da análise particular de cada personagem também abriu novas perspectivas para outros fatores do brinquedo que, quando incorporados ao seu todo, passam despercebidos.

Um desses fatores de relevada importância, que com certeza impregna o subconsciente de quem o realiza e assiste, traduz-se na dicotomia do sagrado e do profano, explicitada na relação das roupas entre cortes sóbrios (banda) e outras de extrema extravagância (palhaços). Esse fator, mais a relação do movimento dos foliões e palhaços durante o cortejo, criam o formato final do que denominamos Folia de Reis.

Ainda fica aqui a proposta para uma abordagem mais concisa do movimento de cada folião. Abordagem do gesto, da mímica e do bailado que compõem o brinquedo e que a este trabalho se revelaram de extrema importância.

Compreender a visualidade e todos os fatores que compõem a Folia, tomando aqui por base os personagens, tornou-se, através de uma tentativa de antropologia visual, uma forma de entender o espírito do povo que, em épocas difíceis, dá-se tão belo espetáculo, e entender a resultante de suas relações pela proporcão do efeito cênico que produz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ana Maria. (1996) *Teatro de formas animadas*. São Paulo : Edusp.  
ARNHEIM, Rudolf. (1986) *A arte e a percepção visual*. uma psicologia da visão criadora. São Paulo : Pioneira  
BAKHTIM, Mikhail Mikhailovitch. (1983). *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. São Paulo : HUCITEC.  
BASTIDE, Roger. (1959). *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo : Anhambi

- BURKE, Peter. (1989) *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo : Companhia das Letras.
- CASTRO, Zaíde Maciel de, COUTO, Aracy do Prado. (1961) *Folhas de Reis*. Rio de Janeiro : Secretaria de Educação e Cultura.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro : Rocco, 1994.
- DORFLES, Gillo. (1984) *A moda da moda*. São Paulo : Martins Fontes.
- FRADE, Cáscia. (1985) *Guia do folclore fluminense*. Rio de Janeiro : Presença.
- FONTOURA, Sônia Maria, CELLURARE, Luiz Henrique, CANASSA, Flávio Arduini. (1997) *Em nome dos Santos Reis*. Um estudo sobre as folias de reis de Uberaba. Uberaba, MG : Arquivo Público de Uberaba.
- GUINSBURG, J., COELHO, J. Teixeira, NETTO, Reni Chaves Cardoso. (1978) *Semiologia do teatro*. São Paulo : Perspectiva.
- JOLY, Martine. (1996) *Introdução à análise da imagem*. São Paulo : Papirus.
- LIMA, Rossini Tavares de. (1962) *Folgedos populares do Brasil*. São Paulo : Ricodi.
- MADERSBACHER, Fred. (1980) A festa das máscaras nos Alpes Suiços. *Revista Geográfica Universal*, Rio de Janeiro : Bloch. **69**. 8:83 – 95.
- NORONHA, Regina. (1983) O Natal no folclore brasileiro. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro : Bloch. **109**. 12: 17 – 25.